

JOSÉ LUÍS CARDOSO

AS ORIGENS DO PROGRAMA CIENTÍFICO  
DE CORREIA DA SERRA:  
UMA VISÃO INSPIRADORA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

*Título:* As origens do programa científico de Correia da Serra:  
Uma visão inspiradora

*Edição:* Academia das Ciências de Lisboa

*Data de edição:* 2024

*DOI:* <https://doi.org/10.58164/11b9-ne74>

# As origens do programa científico de Correia da Serra: uma visão inspiradora

JOSÉ LUÍS CARDOSO<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

É bem conhecida e dispensa demorada apresentação a sequência das etapas da carreira pública de José Correia da Serra (1751–1823).

A sua vida e a obra oferecem múltiplos ingredientes e felizes pretextos para recordarmos o seu trajeto e assinalarmos marcas do seu legado. Homem de ciência e de cultura, viajante e peregrino pelo mundo, perseguido político e representante diplomático, frequentador de salões académicos e políticos, mas menos assíduo de salões paroquiais, o Abade Correia da Serra dá-nos testemunho de uma vida agitada e colorida e de um tempo bem recheado de momentos significativos para a compreensão da evolução da sociedade portuguesa e, sobretudo, da construção da ciência em Portugal nos finais do século XVIII e primeiras décadas do século XIX.

Nasceu em Serpa em 5 de junho de 1751. Aos 6 anos de idade o pequeno José Francisco viajou para Itália com os seus progenitores, fugindo a eventuais perseguições motivadas pelo seu estatuto de cristãos-novos. Vão ser importantes os 20 anos de formação (entre 1757 e 1777) passados entre Roma e Nápoles onde recebe as influências da educação de outro ilustrado português também residente em Itália, Luís António Verney, e onde viria a obter a sua ordenação religiosa em 1775. Igualmente marcantes foram o contacto com a obra de Genovesi, particularmente relevante para a compreensão económica do mundo natural, e as suas primeiras incursões nos domínios da história natural. Será esta etapa inicial e formativa da sua carreira que servirá de ponto de partida para a abordagem que em breve desenvolverei.

---

<sup>1</sup> Presidente da Academia das Ciências de Lisboa e Investigador Coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Comunicação apresentada na sessão académica de evocação do bicentário da morte de José Correia da Serra, realizada no dia 15 de setembro de 2023.

No seu regresso a Lisboa, em 1777, começou por se fixar em Serpa, sua terra natal, onde, graças aos bons ofícios e amizade de Frei Manuel do Cenáculo, bispo de Beja, garante a sua subsistência através de ação pastoral em paróquias da região de Serpa e Moura. Ainda nesse ano instalou-se em Lisboa, a convite do Duque de Lafões, que conheceu em Itália, passando a residir na Quinta dos Alfinetes, uma área anexa ao Palácio do Grilo, nas proximidades de Xabregas. Esta fecunda ligação entre Lafões e Serra foi crucial para a fundação e início de atividade da Academia das Ciências de Lisboa, revelando Correia da Serra imensa energia e capacidade organizativa e estabelecendo uma rede de contactos científicos nacionais e internacionais essenciais para a sua carreira futura. Datam também deste período (entre 1777 e 1795) os seus primeiros trabalhos científicos nos domínios da geologia e da botânica, para além das reflexões metodológicas sobre a utilidade da ciência. É nesta fase que ganha consistência e se afirma uma visão inspiradora com reflexos no forte dinamismo da Academia das Ciências de Lisboa, conforme aqui procurarei argumentar.

Por razões do foro público e privado — a proteção dada a supostos agentes jacobinos e acusações de comportamento sexual não conforme com as regras morais vigentes — Correia da Serra viu-se forçado a interromper o meritório trabalho como vice-secretário, tesoureiro e, a partir de 1788, secretário da Academia das Ciências de Lisboa. Refugiou-se em Londres entre 1795 e 1801, o que acabou por se tornar altamente benéfico para a sua carreira como cientista. Em Londres registou-se o momento de verdadeira explosão de um saber acumulado que se revela na participação em atividades e publicações da Royal Society e da Linnean Society, e no contacto próximo com Joseph Banks. A atualização e modernidade científica do pensamento de Correia da Serra são testemunhadas pelas suas novas incursões nos domínios da geologia e, sobretudo, nos seus mais célebres trabalhos de botânica sobre o sexo das algas e a reprodução das criptogâmicas, nos quais se distancia da tradição dos sistemas de classificação de Lineu e desenvolve uma nova abordagem sistemática baseada no conceito de afinidade. Os seus interesses académicos foram então seguidos e estimulados por D. Rodrigo de Sousa Coutinho que aproveitava as informações e contactos de Correia da Serra para lançar a sua rede informal de apoios científicos para o conhecimento e modernização do império, especialmente em território brasileiro.

Em carta ao seu amigo William Withering (que conhecera em Lisboa quando este realizou um estudo sobre as águas termais das Caldas da Rainha), datada de 14 de junho de 1797, Correia da Serra confessa o seu desencanto pelo tempo perdido no seu país:

A botânica é agora toda a minha ocupação, particularmente a fisiologia vegetal e a afinidade natural das plantas. Penso que o meu tempo foi perdido em Portugal, e teria sido melhor para mim ter vindo para Inglaterra alguns anos antes.<sup>2</sup>

As publicações científicas no domínio da botânica e o estabelecimento de uma rede de amizades e sociabilidades académicas prosseguiram na paragem seguinte do seu itinerário, agora em Paris, entre 1801 e 1812. Aí conheceu e dialogou com alguns dos cientistas franceses mais notáveis da época — tais como Candolle, Dupont de Nemours, Jussieu, Cuvier e de la Mettrie, entre outros — sabendo também usar os seus dotes cosmopolitas e de grande conversador (em várias línguas) para aproximar botânicos de diversas nacionalidades estacionados na capital francesa. Foi em Paris que nos *Annales du Museum d'Histoire Naturelle*, entre 1805 e 1807, publicou os seus mais conhecidos trabalhos botânicos no domínio da carpologia.<sup>3</sup> E na cidade luz manteve relacionamento amoroso com Esther Delavigne, do qual resultaria o nascimento do seu único filho, Eduardo José.

O *séjour* parisiense terminou quando Correia de Serra tinha 61 anos, idade madura com que partiu para os Estados Unidos da América, sendo acolhido em Filadélfia em 1812. Na sua bagagem intelectual trazia um conhecimento acumulado e uma experiência de vida passada entre cientistas e académicos de nomeada, o que os seus confrades americanos não se cansaram de enaltecer. O seu papel

---

<sup>2</sup> Carta de Correia da Serra a William Withering, 14 de junho de 1796. In: Legado Osler, Royal Society of Medicine of London, citado por: João de Araújo Pimenta, William Withering em Lisboa. Cartas inéditas ao Abade Correia da Serra. Porto: Figueirinhas, 2007. (Deve-se a Withering a descoberta das propriedades curativas da dedaleira no tratamento de doenças cardíacas).

<sup>3</sup> Os trabalhos científicos mais relevantes que Correia da Serra produziu durante a sua estadia em Londres e Paris foram novamente publicados em edição crítica de Ana Carneiro, Maria Paula Diogo e Ana Simões (eds.), José Francisco Correia da Serra: Investigações Botânicas. Porto: Porto Editora, 2003. Para uma listagem completa dos escritos de Correia da Serra, cf. a minuciosa bibliografia compilada por estas mesmas autoras, Ana Simões, Maria Paula Diogo e Ana Carneiro, Cidadão do Mundo. Uma biografia científica do Abade Correia da Serra. Porto: Porto Editora, 2006, 171-173.

na definição dos conteúdos curriculares da Universidade da Virgínia é prova inequívoca desse reconhecimento entre os seus pares americanos. Além da continuidade do trabalho académico e científico, iniciou em meados de 1816 uma tardia, porém significativa, carreira político-diplomática, sendo nomeado embaixador do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves em Washington. Exerceu este cargo até finais de 1820. A vasta correspondência que manteve com Jefferson — que tem sido merecedora de importantes estudos sobre esta fase quase-final da sua carreira<sup>4</sup> — durante a permanência nos Estados Unidos, bem como as frequentes visitas à sua plantação e casa de Monticello, demonstram a proximidade de formas de pensamento e a comunhão de princípios iluministas que ambos ajudaram a consolidar.

Correia da Serra regressou a Portugal em agosto de 1821, após curtas passagens por Paris e Londres, um regresso ao continente europeu que iniciara em novembro de 1820. Entretanto, viu frustrada a intenção de se instalar no Brasil e acompanhou os primeiros passos da construção de um novo regime político de monarquia constitucional, que emergiu da revolução liberal de agosto de 1820. Tinham passado 26 anos desde a sua primeira saída para Londres. A pouco e pouco Correia da Serra retomou os contactos com a vida académica e política, ao ritmo permitido pela saúde precária e idade avançada. Morreu em 11 de setembro de 1823, quando se encontrava em tratamentos nas termas das Caldas da Rainha, sem que os seus concidadãos pudessem efetivamente compreender a dimensão universal do seu legado científico.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Léon Bourdon, José Corrêa da Serra, Ambassadeur du Royaume Uni de Portugal et Brésil à Washington, 1816–1820. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975. Richard Beale Davis, O Abade Correia da Serra na América, 1812–1820. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2013 (1.ª ed. Americana: 1955).

<sup>5</sup> Outras referências importantes sobre a obra de Correia da Serra são: D. Francisco Almeida de Portugal (Conde de Lavradio), Notice sur la vie et les travaux de M. Correia da Serra. Mémoires du Muséum d’Histoire Naturelle, Vol. 11, 1824, 215-229; Manuel José de Costa e Sá, Elogio Académico de Correia da Serra. História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa, 2.ª série, II, 1848, ix-xxv; Júlio Henriques, José Francisco Correia da Serra. Boletim da Sociedade Broteriana, Vol. II, 1923, 84-125; Joseph Eugene Agan, Corrêa da Serra. Boletim da Sociedade Broteriana, Vol. IV, 1926, 9-43; Augusto da Silva Carvalho, O Abade Correia da Serra. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências, Tomo VI, 1948, 7-223; A. Câmara, Abade Corrêa da Serra. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências, Tomo VII, 1954, 1-37. Cf. ainda Abílio Fernandes, José Francisco Correia da Serra como naturalista. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências, Tomo XVIII, 1976, 77-101; António Faria, Concepção de História e Prática Política. O Abade Correia da Serra (1751–1823). Serpa: Câmara Municipal de Serpa, 2001; e Joaquim de Matos Pinheiro, Apontamentos sobre o Abade Corrêa. Lisboa: Lisbon International Press, 2022.

## OS ANOS DE FORMAÇÃO, ENTRE ROMA E NÁPOLES

Quando Correia da Serra foi forçado a deixar o país em 1795, condicionou os seus papéis em caixas e, temendo que alguns deles pudessem suscitar atos de denúncia que agravassem a sua situação de exilado — pensando certamente nas condições de acolhimento em futuro regresso ao país — pediu ao seu amigo Duque de Lafões que os protegesse e escondesse no Palácio do Grilo, que lhe servira como residência.

Esses papéis mantiveram-se intactos e desconhecidos durante cerca de 200 anos. E quando a sua aquisição pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), e posterior oferta ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), em 1997, protegeu este riquíssimo espólio do infortúnio da sua dispersão em mãos privadas, abriu-se uma surpreendente mina documental que tem permitido esclarecer dados biográficos obscuros e, sobretudo, conhecer melhor a profundidade e extensão de uma obra que teve reduzida circulação impressa.<sup>6</sup> É também sobre esses papéis que vai incidir a minha atenção.

Na sua chegada aos Estados italianos, em 1757, a família de Correia da Serra estabeleceu-se em Roma e, a partir de 1760, em Nápoles, na sequência da retaliação dos Estados Papais a residentes portugueses, devido à expulsão dos jesuítas decretada pelo Marquês de Pombal. José Francisco regressaria a Roma para completar a sua formação religiosa, sendo ordenado padre em 1775.

Foi em Nápoles que Correia da Serra adquiriu uma sólida formação, bem enquadrada no clima intelectual de um dos principais polos de criação e difusão do pensamento da Ilustração europeia. A demonstração de um espírito atento e ávido de conhecimentos novos está bem patente na coleção de *Zibaldone di materie diverse* (1767–1768) que Correia da Serra compilou entre março de 1767 e março de 1768.<sup>7</sup> Esta miscelânea de textos e fragmentos, oferece uma visão panorâmica dos interesses intelectuais diversos de José Correia da Serra aos 16 e 17 anos de idade. Conforme bem sintetizou Ilídio do Amaral, os *Zibaldone* são reveladores da:

---

<sup>6</sup> Cf. Michael Teague, Abade José Correia da Serra. Documentos do seu Arquivo (1751–1795). Catálogo do espólio. Lisboa: FLAD, 1997.

<sup>7</sup> ANTT, Manuscritos de Correia da Serra, A1 a A4. Estes textos foram transcritos por Ilídio do Amaral, Estudos Preliminares de Inéditos Juvenis de José Correia da Serra. II – A propósito dos *Zibaldone di materie diverse* I a IV. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

curiosidade extraordinária de um espírito voltado para as humanidades, procurando compreender as relações do homem com a natureza, o significado da sua existência individual e social, as formas de vida e de atividades, a existência de religiões diferentes nos vários continentes, tudo isso longe do campo das ciências naturais, sobretudo da botânica, que o viriam a celebrar como naturalista muito mais tarde.<sup>8</sup>

Sob a forma de apontamentos de leitura ou de simples transcrições de passagens que mais o cativavam, constatamos a atração por diversas obras da antiguidade clássica, sobretudo romana, merecendo destaque as suas leituras de autores como Plutarco, Ovídio, Juvenal, Lucano, Suetônio e Virgílio. Igualmente presentes autores clássicos da poesia, teatro e filosofia do séc. XVII, nomeadamente Boileau, Corneille e Leibniz, e ainda alguns protagonistas das luzes europeias do século XVIII, de que são exemplo as obras de Feijoo, Voltaire e Rousseau.

Na mesma altura em que faz compilação de excertos e notas avulsas nestes *Zibaldone*, Correia da Serra preparou um pequeno ensaio intitulado *Método dei Studi*, datado de 23 de agosto de 1767.<sup>9</sup> É um texto de uma clareza de raciocínio exemplar — sobretudo se tivermos em atenção que foi escrito aos 16 anos — no qual o jovem José Francisco procura responder às perguntas que ele próprio formula: “Quais as ciências a estudar? Com que ordem? De que maneira? Em que quantidade?” (fl 1). Partindo do pressuposto de que o entendimento humano é muito limitado, não podendo tudo compreender (“porque uma pessoa só pode ser grande numa coisa, e a universalidade é uma quimera”), considera indispensável fazer uma escolha relativamente ao principal objeto de estudo.

Todavia, qualquer que seja a escolha, existe um método comum do qual faz parte o conhecimento adquirido pelo estudo da matemática, atendendo sobretudo à sua dimensão filosófica e propedêutica, ou seja, ao que se refere à clareza e rigor ou certeza na demonstração de evidências. Igualmente relevante como metodologia comum de trabalho científico é a captação do mundo físico através da observação e experimentação, fontes primeiras e essenciais do conhecimento.

Correia da Serra revela especial apetência pelo estudo do homem em sociedade. Por isso é importante reconhecer que: “Os fenómenos da sociedade não

---

<sup>8</sup> Ilídio do Amaral, op. cit., p. 13.

<sup>9</sup> ANTT, Manuscritos de Correia da Serra, A10. Este ensaio é revelador do conhecimento que Correia da Serra tinha do Verdadeiro Método de Estudar de Luís António Verney, publicado em 1746.

são mais do que as complicadas consequências das constituições comuns a todos os homens...”, para que se possa “conhecer o corpo social, as suas doenças, as causas dos seus fenómenos, (...) e quando se tratar de estudar as nações e os impérios, explicar as causas do seu poder e da sua decadência” (fl 3).

Finalmente, o seu método de estudo contempla o enquadramento dos fenómenos através do recurso à história que permite a compreensão do “progresso do espírito humano” (fl. 4).

Outro dos seus manuscritos mais interessantes deste período napolitano é o *Catalogue raisonné des voyageurs de ma bibliothèque* (1769), uma lista de livros de viagem que certamente não possuía, mas que Correia da Serra apropria enquanto livros de uma biblioteca ideal imaginada e desejada por um jovem de 18 anos, ávido de viajar, de conhecer a diversidade e riqueza do mundo natural e das civilizações que nele habitam, de atravessar e penetrar as margens de mundos por abrir.<sup>10</sup> Aqui se desvenda a sua comunhão com o espírito enciclopédico inerente à composição de reportórios bibliográficos abrangendo múltiplas áreas do conhecimento e dos saberes práticos. O inventário de livros era também uma forma de transmissão de conhecimento, e não tanto um registo de propriedade individual.

O gosto e a apetência pelas viagens, encaradas como fonte primordial de conhecimento, fica bem patente no diário em que relatou o passeio científico que durante 20 dias realizou, em abril de 1774, ao longo da costa da Ligúria com o seu colega e amigo Jean Demeste. O *Journal d'une course en Avril 1774 avec Mr. Demeste* oferece um rico testemunho da motivação de Correia da Serra para o desenvolvimento de investigação em história natural, revelando a forte interação entre o homem que viaja e a natureza que o acolhe. As notas de viagem adquirem o carácter de apontamentos científicos nos domínios da botânica e da geologia, isto é, aqueles que viriam mais tarde a ser os campos de trabalho que privilegiou nas suas publicações científicas.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> ANTT, Manuscritos de Correia da Serra, A11. Cf. o trabalho que Ilídio do Amaral dedicou a estes escritos de juventude de Correia da Serra. Ilídio do Amaral, *Estudos Preliminares de Inéditos Juvenis de José Correia da Serra. I – A propósito do Catalogue Raisonné des Voyageurs de ma Bibliothèque*. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

<sup>11</sup> ANTT, Manuscritos de Correia da Serra, A15. Texto publicado em: José Correia da Serra, *Itinerários Histórico-Naturais* (ed. Ana Simões, Ana Carneiro e Maria Paula Diogo). Porto: Porto Editora, 2004.

No levantamento sistemático que faz sobre os recursos minerais observados, Correia da Serra inclui também apontamentos descritivos sobre as atividades associadas à sua exploração económica. Procede igualmente à descrição das características da população e seus costumes, praticando uma aproximação virtuosa entre a geografia física do território e a geografia humana e social dos povos que nele habitam. No que se refere especificamente às digressões de carácter económico, que não apresentam elaboração merecedora de destaque, Correia da Serra aponta ocasionalmente situações de dificuldade no desenvolvimento do comércio devido a restrições decorrentes de práticas monopolísticas e de políticas fiscais que encareciam o preço dos produtos. É clara a tonalidade crítica com que se refere às políticas económicas baseadas em monopólios estatais, bem como ao pesado sistema de impostos que limitava a circulação dos bens. Pontualmente, transparece uma atitude de defesa da liberalização dos circuitos de comércio interno e externo.

A propósito da orientação que imprimiu às suas reflexões de âmbito económico, importa recordar o contacto próximo que certamente manteve com a obra e o magistério do economista napolitano Antonio Genovesi, figura cimeira do pensamento económico ilustrado europeu. Curiosamente, o nome de Genovesi não aparece no catálogo da sua importante biblioteca.<sup>12</sup> Entre os economistas políticos ilustrados que certamente influenciaram as suas reflexões económicas e financeiras, notamos a presença dos *Dialogues sur le commerce des bleds* de Galiani (n.º 353), o *Essai sur la nature du commerce en générale* de Cantillon (n.º 102), a *Théorie de l'impôt* de Mirabeau e Quesnay (n.º 264), o *Discurso sobre o fomento da indústria popular* de Campomanes (n.º 572), a *Administration des finances de France* de Necker (n.º 1626) os *Political Discourses* de David Hume (n.º 1160), ou ainda, a *Fable des Abeilles* de Mandeville (n.º 1508) e a *Theory of Moral Sentiments* de Adam Smith (n.º 925), desafiando o leitor contemporâneo a uma admiração enfática da curiosidade intelectual de Correia da Serra tão bem patente na sua espantosa biblioteca.

Comprovado ou não o conhecimento e contacto direto com Genovesi, o certo é que encontramos no espólio de Correia da Serra testemunhos indiretos que permitem corroborar a influência que colheu do autor napolitano. Um desses

---

<sup>12</sup> ANTT, Manuscritos de Correia da Serra, C22.

testemunhos é dado por uma carta, datada de 5 de janeiro de 1771 que recebeu de um seu amigo (Francesco Vega?) na qual este lhe solicita uma contribuição para uma nova revista literária italiana, cujo primeiro tomo seria dedicado a Genovesi.<sup>13</sup> Tal convite é motivado “pelo amor que [Correia da Serra] dedica às ciências e a Genovesi”, razão de sobra que dispensaria qualquer esforço adicional de justificação do pedido apresentado.

Um outro documento comprovativo da proximidade, não explicitada, de Correia da Serra a Genovesi, é um ensaio de 34 páginas intitulado *La filosofia della successione o sia Discorso Filosofico sulla natura e gli effetti della successione dei beni*.<sup>14</sup> Apesar de não estar datado, este texto terá provavelmente sido escrito nos anos finais da sua estadia italiana (ou seja, entre 1775 e 1777), fazendo fé numa referência final do texto em que Correia da Serra procura desculpar eventuais imprecisões com “os limites da sua pouca idade e saber” (fl. 17).<sup>15</sup>

Na primeira parte deste ensaio, Correia da Serra apresenta considerações gerais de sistematização de princípios de direito das sucessões, com destaque para o princípio da propinquidade (ou proximidade) que justifica a linha de sucessão familiar. Discorre sobre a natureza das sucessões em função do regime ou constituição política de cada Estado (democracia, monarquia, aristocracia, despotismo) e discute algumas especificidades de legislação relativa a testamentos e filhos bastardos. Apresenta ainda uma interessante posição sobre a questão do direito de sucessão de mulheres, admitindo que a sua legitimação permitiria um acréscimo da circulação de fundos.

Porém, é a segunda parte do texto, dedicada ao tema dos efeitos da sucessão, que revela o sentido essencial da sua reflexão. Para Correia da Serra, os efeitos dos regimes de sucessão na indústria, comércio e população decorrem da situação de estabilidade da legislação relativa a tais regimes, sendo que serão tanto maiores os efeitos quanto maior certeza existir sobre a constância da aplicação da lei. Na argumentação que desenvolve, expressa o motivo de *ambição* que é

---

<sup>13</sup> ANTT, Manuscritos de Correia da Serra, B3.

<sup>14</sup> ANTT, Manuscritos de Correia da Serra, A22A e A22B

<sup>15</sup> A sugestão de Michael Teague, no Catálogo dos Manuscritos de Correia da Serra (p. 74), de que este documento corresponde ao exemplar original da dissertação em direito canónico que terá sido apresentada em 1787, carece de fundamento. O texto não se inscreve em problemáticas de direito canónico e, se fosse dessa data, certamente que Correia da Serra não faria alusão à sua tenra idade.

estimulado pela segurança da sucessão e refere os efeitos daí decorrentes no crescimento do comércio e da indústria. E conclui destacando o acréscimo de *felicidade* e de *comodidades* que resulta para a população como consequência da estabilidade das leis sucessórias.

Ora, é justamente na forma como convoca os conceitos de *ambição*, *felicidade* e *comodidades* que é possível antever um diálogo provável entre Correia da Serra e Genovesi, que fez desses conceitos matéria-prima fundamental na construção do seu discurso sobre *economia civile*.<sup>16</sup> A ambição ou interesse individual e a felicidade coletiva são, afinal, as questões principais que prendem Correia da Serra a uma análise jurídica e filosófica dos efeitos dos processos sucessórios de transmissão da propriedade.

A análise mais cuidadosa dos manuscritos da fase italiana de Correia da Serra é fundamental para se perceber o percurso que vai desenhar e o programa de trabalhos que vai conceber (com a ajuda de outros protagonistas irmanados nos mesmos princípios) para a Academia das Ciências de Lisboa. Foi uma fase decisiva para a construção da visão inspiradora de Correia da Serra.

## OS TRABALHOS E OS DIAS FUNDADORES DA ACADEMIA

Em correspondência com Frei Manuel do Cenáculo — que o havia apoiado na instalação como prelado em paróquias da diocese de Beja (designadamente Serpa e Moura, após o seu regresso a Portugal, vindo de Nápoles, via Cádiz, onde aportou em março de 1777 — Correia da Serra dá conta das diligências de criação da Academia das Ciências, com uma designação mais abrangente, e da elaboração dos seus Estatutos.

Daqui a muito pouco poderei mandar a V. Ex.<sup>a</sup> os Estatutos da Academia das Ciências, Letras e Artes, de que V. Ex.<sup>a</sup> se dignará ser um dos principais ornamentos. Julgo que V. Ex.<sup>a</sup> olhará para este estabelecimento como a única tábua a que nos propomos pegar neste naufrágio. Ficaram para vista várias cousas sobre este ponto que V. Ex.<sup>a</sup> com a sua grande

---

<sup>16</sup> Sobre o significado da obra de Genovesi na história da economia política da segunda metade do século XVIII e sua influência em Portugal cf. José Luís Cardoso, Genovesi e a economia política ilustrada em Portugal. Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias, 2017, Vol. 36, 205-216.

agudeza e conhecimento extraordinário destes climas áulicos, poderá facilmente adivinhar.<sup>17</sup>

O objetivo da missiva é, fundamentalmente, o de testemunhar gratidão e reconhecimento dos méritos do seu mentor, atitude que manteve em cartas que lhe dirigiu nos meses de agosto e outubro de 1780, já com a Academia em funcionamento, reportando o projeto de publicação dos *Documentos Inéditos da História Portuguesa* e de outros volumes contendo memórias apresentadas nos diversos ramos das ciências e letras. Refere igualmente os privilégios de publicação concedidos pela rainha D. Maria I à Academia, sem deixar de lamentar que ficaram aquém do que era pretendido. Em todo o caso, “ainda que eles [sejam] mais limitados do que um tal ato de generosidade parece que devia ser, mas como há quem se opõe, tudo é ganhado sobre o vento contrário e é assegurar âncoras e amarras para poder esperar o bom vento sem desandar”.<sup>18</sup>

As queixas ganham tom acrescido dois anos mais tarde, depois de a Academia ter recebido renovados privilégios de impressão, entre os quais se destaca o da publicação dos Almanques anuais, contendo informação relevante sobre “o mapa civil e literário de Portugal”. Correia da Serra lamenta as intrigas que na Real Mesa Censória atrasaram a publicação do Almanque de 1782, revelando animosidades e rancores que as atividades da Academia despertavam em alguns círculos do poder

V. Ex.<sup>a</sup> conhece esta terra e os indivíduos que nela moram, tão perfeitamente, que julgo inútil contar-lhe miudezas do que por cá se passa, naquele género de cousas de que eu tenho conhecimento, o clima moral é rígido e destemperado, e as produções úteis só crescem em estufas, como os ananases na Europa, e assim como eles custam muito e não chegam a perfeito sabor.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Carta de José Correia da Serra a Frei Manuel do Cenáculo de 14 de dezembro de 1779, in: Augusto da Silva Carvalho, O Abade Correia da Serra. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências, Tomo VI, 1948, p. 109.

<sup>18</sup> Ibid, carta de outubro de 1780, p. 110.

<sup>19</sup> Ibid, carta de 6 de julho de 1782, p. 113.

Contrariamente à informação que por vezes circula, Correia da Serra não foi o primeiro secretário da Academia (tal cargo e honra coube ao 6.º visconde e 1.º conde de Barbacena, Luís António Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro), mas sim vice-secretário, eleito em janeiro de 1780, e tesoureiro interino eleito em maio de 1780. Tornar-se-ia secretário (por vezes referido como “perpétuo”) em 1788, quando Barbacena foi nomeado Governador de Minas Gerais, após ter feito um curto interregno de dois anos (1786–1787) em que de novo viajou por França e Itália, finalizando em Roma a sua formatura em direito canónico. Nesse período foi galardoado (em 1787) como membro da Real Academia Florentina e da Academia Etrusca.

A nomeação de Correia da Serra como secretário coincide com o arranque mais expressivo da atividade editorial da Academia, verificando-se a publicação dos primeiros tomos de cada uma das seguintes séries: *Memórias de Agricultura Premiadas*, 1788; *Memórias Económicas para o adiantamento da agricultura, das artes e da indústria em Portugal e suas conquistas*, 1789; *Coleção de Livros Inéditos de História Portuguesa*, 1790; *Memórias de Literatura Portuguesa*, 1792; e *Dicionário da Língua Portuguesa*, 1793 (único tomo publicado).

Correia da Serra foi um dos principais promotores da investigação ilustrada sobre questões económicas, visando um melhor conhecimento das condições para encorajar uma afetação e utilização eficientes de recursos naturais e humanos e promover o crescimento económico. As suas principais ideias e propostas de reformismo económico são explicadas na curta, mas incisiva introdução à coleção de cinco volumes de *Memórias Económicas* da Academia das Ciências de Lisboa, cujo primeiro volume foi publicado em 1789. Correia da Serra apontou a necessidade de se promover um programa de pesquisa e de formulação de políticas que permitisse demonstrar a utilidade do conhecimento científico, quando aplicado ao desenho e execução de reformas económicas de longo prazo.

O primeiro passo de uma nação para aproveitar suas vantagens, é conhecer perfeitamente as terras em que habita, o que em si encerram, o que em si produzem, o de que são capazes. As artes todas não são mais do que uma aplicação do conhecimento da natureza às nossas precisões, e utilidades; o seu adiantamento depende todo das ciências naturais e das exatas, e quanto mais estas têm sido cultivadas em cada povo, tanto mais

as artes têm chegado ao seu auge.<sup>20</sup>

Noutro registo, no discurso preliminar aos *Livros Inéditos da História Portuguesa*, escreve Correia da Serra:

Quando saírem do pó estas testemunhas, e um grande número de factos incógnitos vir a luz do dia, quando o trabalho, a paciência, o espírito de crítica, e de discurso tiverem combinado estes materiais, e deduzido a exata notícia dos pontos que nos importa conhecer (...), então é que poderemos sem jactância persuadir-nos de saber o que Portugal tem sido, e só então uma pena guiada pela razão, e pelo bom gosto, poderá expor à nossa vista, a complicada série das ações passadas, e explicar-nos com certeza, as causas que as motivaram, e os efeitos que delas se seguiram, de modo que a nós sejam de proveito, e à posteridade de ensino.<sup>21</sup>

Estes dois excertos resumem bem o sentido das preocupações académicas de Correia da Serra, demonstrando a utilidade do conhecimento das ciências naturais e exatas para a melhoria dos processos de afetação de recursos produtivos (económicos), e dando testemunho da importância da história para se compreender o presente e perspetivar o futuro.

Foi também da sua responsabilidade, no período 1788–1794, a iniciativa de organização do registo e descrição de fontes arquivísticas manuscritas, mediante levantamento sistemático de cartórios e bibliotecas do reino, em busca de documentação inédita ou ameaçada de entrar no esquecimento. Correia da Serra contribuiu decisivamente para o envolvimento programado e orientações expressamente dadas pela Academia das Ciências para que se registassem e copiassem documentos dispersos pelos cartórios do reino que fossem considerados relevantes. O núcleo duro desta comissão estabelecida pela Academia era constituído por João Pedro Ribeiro, Joaquim José Ferreira Gordo e Frei Joaquim de Santo Agostinho. Os conhecimentos

---

<sup>20</sup> José Correia da Serra. Discurso Preliminar. Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1789, Tomo I (Nova edição: Lisboa: Banco de Portugal, 1991, introdução e direção de edição de José Luís Cardoso).

<sup>21</sup> José Correia da Serra. Discurso Preliminar. Coleção de Livros Inéditos de História Portuguesa. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1790, Tomo I.

aprofundados de diplomática e paleografia eram condição indispensável à prossecução desta tarefa. Nela colaboraram diversos autores, designadamente Frei Joaquim Forjaz, Frei Joaquim de Santa Clara, Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, José Anastácio de Figueiredo e José Veríssimo Álvares da Silva.<sup>22</sup>

Estes textos impressos na abertura de duas importantes coleções publicadas pela Academia constituem uma singela amostra do que foi a sua intensa atividade como académico interessado em dinamizar a vida científica da Academia, conforme se constata pela leitura da lista que apresentou na *Conta dos meus estudos e resumo das memórias que tenho lido* (1785), ao longo dos primeiros cinco anos de atividade da Academia.<sup>23</sup> Fica por explicar o enigma de não terem sido publicadas em nenhuma das séries onde teriam pleno cabimento (designadamente nas *Memórias Económicas* ou nas *Memórias de Literatura*).

Além dos 8 textos referidos neste documento manuscrito, o fundo arquivístico de Correia da Serra que se conserva no ANTT contém ainda outros 10 textos de idêntica tipologia. Trata-se de um conjunto de textos reveladores do carácter abrangente, pluridisciplinar e integrado dos seus estudos, cuja listagem se apresenta em Anexo. Estas 18 memórias, destinadas a apresentação na Academia, são um testemunho da natureza enciclopédica dos interesses de Correia da Serra em diversas áreas científicas (história natural, geologia e botânica), em história da legislação e jurisprudência, em geografia física e humana, em história literária e artística, em economia e comércio, na estrutura da língua portuguesa. A sua leitura permite concluir que o programa de estudo e de indagação científica de Correia da Serra serviu como modelo inspirador das atividades da instituição de que foi membro fundador.<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> O levantamento de informação efetuado por estes membros da ACL foi relatado pelos próprios em correspondência dirigida a Correia da Serra, entre 1788 e 1794 (publicada por António Baião, *A Infância da Academia*, 1934). Sobre este assunto cf. José Luís Cardoso, *Academia Real das Ciências de Lisboa (1779–1820)*. In: Matos, Sérgio Campos (org.), *Dicionário de Historiadores Portugueses da Academia Real das Ciências ao Final do Estado Novo*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2013, 1-18. (<http://hdl.handle.net/10451/9253>).

<sup>23</sup> ANTT, Manuscritos de Correia da Serra, A-23.

<sup>24</sup> Alguns destes textos foram objeto de atenção pioneira de Ana Simões, Maria Paula Diogo e Ana Carneiro, *Cidadão do Mundo. Uma biografia científica do Abade Correia da Serra*. Porto: Porto Editora, 2006. Às mesmas autoras se deve a publicação de alguns destes manuscritos de Correia da Serra (in: *Itinerários Histórico-Naturais e Investigações Botânicas*) assim como a transcrição em acesso livre de uma seleção dos

Escreveu ainda sobre a história da própria Academia<sup>25</sup> e preparou diversos textos de requerimentos destinados a salvaguardar os privilégios de impressão da Academia. Ou seja, cuidou de garantir o regular funcionamento da instituição, valorizando os méritos alcançados pelas atividades que realizou.

A salvaguarda da memória institucional preocupou Correia da Serra numa outra dimensão essencial: a do reconhecimento do mérito e valor de alguns dos seus membros, nacionais e correspondentes, de quem traçou os elogios históricos. Apesar de também nunca terem sido publicados durante a sua vida (conservam-se no seu espólio à guarda do ANTT), tais elogios constituem testemunho notável sobre o modo como Correia da Serra entendia a sua função institucional na Academia: deixar na penumbra os méritos próprios, de forma magnânima e sem falsa modéstia, para fazer realçar os contributos de figuras muito relevantes na história dos primeiros anos da Academia.

Os autores elogiados por Correia da Serra foram os seguintes, referindo-se a numeração ao registo do catálogo dos seus manuscritos à guarda do ANTT:<sup>26</sup>

- A-37. Elogio do Senhor Marquês de Angeja (1788)
- A-38. Elogio de António Domingos do Paço (1788)
- A-39. Elogio do Marquês de Penalva (1789)
- A-40. Elogio do Senhor Conde do Vimieiro (1791)
- A-41. Elogio do Senhor Benjamin Franklin (1791)
- A-42. Elogio do Senhor João de Loureiro (1792)
- A-43. Elogio do Senhor Frei José Maine (1793)
- A-44. Elogio do Senhor Principal Mascarenhas e do Senhor José de Mello Brainer

---

materiais do fundo arquivístico de Correia da Serra disponível in: <https://ciuhct.org/recursos/fontes-e-documentacao>

<sup>25</sup> ANTT, Manuscritos de Correia da Serra, A-58. História da Academia Real das Ciências de Lisboa desde o seu princípio até 1788.

<sup>26</sup> A transcrição destes elogios, realizada no âmbito de um projeto do CIUHCT, Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, sob a coordenação de Ana Simões, Maria Paula Diogo e Ana Carneiro, está disponível in: <https://ciuhct.org/recursos/fontes-e-documentacao>

## CONCLUSÃO

Para terminar esta apresentação dos escritos que consubstanciam a visão inspiradora com que Correia da Serra dotou as atividades desenvolvidas pela Academia das Ciências de Lisboa nos anos iniciais, foco a atenção num desses elogios que escreveu no período mais intenso da sua carreira como secretário da instituição — o elogio a Benjamin Franklin.<sup>27</sup>

Por interposto elogiado, Correia da Serra procede a um elogio da forma de fazer ciência que estimava como útil, começando por destacar a dificuldade de reconhecimento da valia da obra de Franklin em Portugal, se para o efeito não estivesse constituída a “confederação geral dos indagadores da natureza”, eufemismo curioso com que se refere à Academia e ao seu papel na ligação “com os que nas outras nações se acham à frente das Luzes e do saber” (*ibid*, p.10).

Enaltece o espírito curioso e multifacetado de Franklin, compensando em observação e indagação empírica a menor profundidade de conhecimentos teóricos. Destaca, naturalmente, as descobertas pioneiras da eletricidade, lamentando que os seus méritos e intuição de inventor não tenham sido prontamente reconhecidos pelas sociedades científicas internacionais mais relevantes (designadamente a Royal Society).

Numa apreciação de conjunto que configura traços de valorização autobiográfica, Correia da Serra elogia Franklin pela opção de não deixar obra em livro acabado — apesar da sua reconhecida tarimba de impressor — privilegiando pensamentos soltos sob a forma de recomendações práticas. Era este também o estilo que Correia da Serra reclamava para si.

O que é mais para pasmar é que estes segredos da natureza, são anunciados nas suas cartas (...). Nem um só livro há deste autor com uma singeleza assaz remota da forma de um livro. São cartas familiares em que conta as suas experiências, e anuncia as suas ideias como quem faz uma coisa mui indiferente e que o diverte (...) E um desejo de voltar tudo para a utilidade dos homens, se vê posto em exercício, em qualquer lugar que ele caiba, e não é só o que toca à eletricidade que o Doutor Franklin tratou deste modo (...). Nem um só livro há deste autor, porque as ciências para ele foram ocupação e companhia, não profissão (*ibid*, p. 17).

---

<sup>27</sup> Este é o único elogio que mereceu posterior edição: José Correia da Serra, Elogio de Benjamin Franklin (1791). Lisboa: FLAD, 1996.

Refere igualmente a riqueza da experiência militar, diplomática e política de Franklin e o contributo que deu para a formação da nova nação americana e da sua primeira Constituição. Mas sobre isto confessa que não se sente motivado a escrever, pois “fora isto sair dos limites de um elogio académico, se bem louvemos todo o saber, nem todas as espécies do saber são nosso assunto” (*ibid*, p. 21).

Foi desde os primeiros escritos de juventude, passados entre Roma e Nápoles, que Correia Serra pugnou pelo cultivo do conhecimento científico, com as limitações próprias de quem não pode abarcar todas as “espécies do saber” (por maior que seja a curiosidade dos praticantes), com duas seguras convicções fundamentais: em primeiro lugar, a vantagem de não se acantonarem os domínios do conhecimento em compartimentos estanques, abrindo diálogos frutuozos entre as ciências naturais, as ciências do homem e sociedade, a história, a literatura e as línguas; em segundo lugar, a ideia de que as ciências provocam “divertimento, ocupação e companhia”, como pretendia Franklin, relativamente às quais deve prevalecer “um desejo de voltar tudo para a utilidade dos homens”. Ou seja, erguer a bandeira da mensagem contida no lema da Academia: *nisi utile est quod facimus stulta est gloria* (se não é útil o que fazemos, vã é a glória).

## ANEXO

### Memórias de José Correia da Serra lidas ou preparadas na Academia das Ciências de Lisboa entre 1780 e 1795

A numeração das memórias refere-se à catalogação dos Manuscritos de Correia da Serra no fundo à guarda do ANTT, tendo como referência o catálogo de Michael Teague, *Abade José Correia da Serra. Documentos do seu Arquivo (1751–1795). Catálogo do espólio*. Lisboa: FLAD, 1997. A seguir à identificação de cada título acrescento breve nota de descrição do seu conteúdo.

Algumas destas memórias foram já objeto de publicação, indicando-se o local com as abreviaturas IB e IHN, ou encontram-se transcritas in <https://ciuhct.org/recursos/fontes-e-documentacao>

IB — *José Francisco Correia da Serra: Investigações Botânicas* (ed. Ana Carneiro, Maria Paula Diogo e Ana Simões). Porto: Porto Editora, 2003.

IHN — *José Correia da Serra, Itinerários Histórico-Naturais* (ed. Ana Simões, Ana Carneiro e Maria Paula Diogo). Porto: Porto Editora, 2004.

A-24. *Memória económica sobre o Croton Tinctorio, das nossas províncias meridionais* (IB)

Descrição da planta da qual se extrai tinta azul, em nada inferior ao tourne-sol francês, “mui capaz de ser um objeto de comércio para o nosso reino, e um socorro para os pobres dos lugares aonde ele se produz (...). O meu gosto será completo, se as artes em Portugal puderem tirar proveito de uma planta de que as ruínas dos edifícios, e os lugares áridos estão cobertos, e que a sua abundância, e suposta inutilidade tem feito até agora desprezável” (19-22).

A-25. *Observações sobre os monumentos antigos do nosso reino, relativamente à História das artes em Portugal*.

Percorrendo as províncias de Estremadura, Alentejo e Algarve, Correia da Serra descreve alguns vestígios arqueológicos existentes.

A-26. *Memória sobre a cultura dos prados artificiais em Portugal* (IB)

Reconhecendo as vantagens de criação destes prados, plenamente demonstradas pelas experiências de outros países, considera a necessidade de se identificarem as plantas nativas que possam ser objeto de cultivo, tendo em atenção as particularidades físicas dos terrenos e a sua adaptação ao clima. Seria o caso da luzerna, mas não do *sanfoin*. Mas Correia da Serra faz uso dos seus conhecimentos botânicos para identificar as plantas gramíneas e papilionáceas mais adequadas à cultura dos prados artificiais, terminando a sua memória de forma bem sugestiva, sob as virtudes do conhecimento útil:

Deveriam os naturalistas zelosos observar com atenção nas espécies destas plantas que são comuns no nosso Portugal, as que são mais convenientes ao gado, e ver quais são os terrenos em que nascem espontaneamente (...). Queira o amor da pátria mover alguém a fazê-las e a observar na prática qual é o resultado da cultura das plantas que produz, e se alguma utilidade daí sair para Portugal dou-me por bem pago de tudo o que tenho dito nesta memória que não é dedicada às musas nem às graças, mas ao bem geral da nação (p. 28).

A-27. *Memória acerca da pozolana da província da Estremadura*

Considerando a qualidade deste tipo de terreno argiloso impermeável de origem vulcânica (existente sobretudo em Itália) para a construção de edifícios e consolidação de estruturas edificadas dentro de água, faz notar a utilização alternativa de xistos ferruginosos existentes no Alentejo nas proximidades da raia espanhola.

A-30. *Observações sobre a estrutura física das três províncias meridionais do nosso reino, 1784* (IHN)

É uma cuidadosa descrição de geografia física do Alentejo e Algarve, com reflexões científicas no domínio da geologia, na qual Correia da Serra insiste na articulação entre a história natural e a história propriamente dita, explicando como uma nação é devedora do território físico que habita:

E ao mesmo tempo que nas viagens que tive ocasião de fazer pelas três províncias meridionais do nosso reino busquei com gosto os monumentos dos que antigamente possuíram a nossa terra, ou primeiros a

habitaram, não perdi de vista a estrutura física que foi teatro dessa mesma história que tanta curiosidade me move e tantos desvelos me tem merecido (p. 71).

Procurei indagar qual foi a série de operações de sucessos e revoluções com que a natureza formou Portugal, e a história da pátria começou a meus olhos não com a origem dos povos que a habitaram, mas com a origem e nascimento dela mesma [natureza] (p. 71).

*A-28. Memória sobre os princípios que dirigiam a administração da justiça nos primeiros três séculos da nossa monarquia*

Trata-se de um ensaio (incompleto) sobre jurisprudência criminal, numa perspectiva de proteção de direitos das gentes.

*A-31. Observações feitas em uma jornada pela província do Alentejo em maio e junho de 1785 (IHN)*

Continuação das suas descrições geográficas na zona meridional do país, neste caso privilegiando a recolha de documentação para a história dos lugares e das instituições que visita.

[s/n]. *Memória sobre 7 inscrições sepulcrais romanas*

Texto referido por Correia da Serra que, no entanto, não se localiza no seu espólio manuscrito.

Além das 8 memórias acima referidas, o espólio manuscrito de Correia da Serra conserva ainda os seguintes textos que possivelmente foram preparados para apresentação na Academia:

*A-29. Memórias para uma obra sobre as origens, a natureza e o espírito das leis em Portugal*

Apontamentos avulsos para uma história da legislação e jurisprudência em Portugal, reveladores do interesse de Correia da Serra pelo conhecimento histórico das leis e costumes.

A-32. *Observations économiques sur la province d'Alentejo, 1785*

Apesar de se tratar de um texto que não chegou a ser concluído, salienta-se a proximidade de linguagem que viria a utilizar no Discurso Preliminar das *Memórias Económicas*, sobre a necessidade de se conhecer o país de modo a esclarecer as reformas de que necessita.

A-33. *Pensées sur la formation physique et sur la reproduction des êtres organisés du règne vegetal et animal, 1786*

Enunciado de princípios genéricos relativos ao estudo dos fenómenos da natureza, revelando Correia da Serra a sua preferência pela simplicidade de procedimentos e a aceitação da afinidade como metodologia explicativa desses fenómenos.

A-34. *Lembranças para se utilizar dos areais de Portugal e para o progresso da ciência da agricultura*

Correia da Serra constata a fraca qualidade das terras arenosas de grande parte da província do Alentejo, mas contraria atitudes de fatalidade ou conformismo. Advoga uma busca incessante de soluções que permitissem vencer obstáculos naturais ao acréscimo da produção. A sua principal mensagem refere-se à remoção de obstáculos morais (políticos) que dificultavam o progresso na agricultura, nomeadamente, práticas monopolísticas impedindo a “concorrência no comércio”, dificuldades de transportes, e privilégios obtidos por negociantes estrangeiros.

A-35. *Memória sobre os primeiros povoadores de Portugal*

Apontamentos soltos, sem nexos formais atendíveis.

A-36. *Observações sobre o mapa de comércio de Portugal com as nações estrangeiras*

Breves anotações sem análise do tema apresentado como título.

A-57. *Materiais para o Glossário Português*

Apontamentos incompletos com vista à elaboração de um glossário da língua portuguesa.

A-60. [*Reflexão sobre finanças públicas*]

Constata a situação favorável da balança de comércio (possivelmente no início da década de 1790) e propõe que o excedente gerado nas atividades mercantis fosse aplicado em investimentos na agricultura e numa amortização significativa da dívida pública, para prevenir aumento de impostos no futuro.

A-64. [*Plano de uma lotaria para financiar atividades da Academia*]

Breves anotações, sem título, revelando a preocupação de Correia da Serra com a sustentabilidade financeira da Academia através de um mecanismo usual na época com vista à obtenção de receitas próprias.

C-12. *Carta sobre a crise das vinhas de Azeitão sobre os modos de as desenvolver*

Considera que a quebra significativa de produção tinha como origem as dificuldades de comercialização, ou seja, diminuição da procura provocada pela proibição de venda destes vinhos no mercado de Setúbal.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA NA SESSÃO DO BICENTENÁRIO DA MORTE  
DE JOSÉ CORREIA DA SERRA

REALIZADA EM 15 DE SETEMBRO DE 2023

RECEBIDA EM 14 DE NOVEMBRO DE 2023